

Questões da Pandemia do COVID-19: Isolamento e cultura no Brasil e em Rondônia

Rafael Ademir Oliveira de Andrade

Sociólogo, Professor. Doutorando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UNIR)

“Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.”
George Orwell, 1984.

Este texto parte de alguns debates que nascem nos corredores (agora virtuais) das universidades, conversando com discentes, colegas professores, gestores e assistindo a televisão, onde em todos os momentos ouvimos falar da pandemia do COVID-19. Alguns temas são importantes para pensarmos a relação entre pandemia e cultura, quando pensamos a partir do Brasil e de Rondônia, local onde sou “nascido e morador”.

Primeiro temos que definir o que é cultura. Cultura não é simplesmente a soma das ações de pessoas em uma sociedade, esta é uma definição incompleta de cultura. A cultura é uma estrutura-estruturante. O que quero dizer: a cultura orienta as pessoas ao mesmo tempo em que é formada pela soma das pessoas, sendo este todo muito mais do que a soma das partes (como a reflexão da Gestalt). Outra forma, mais simples, de pensar é: a cultura é uma teia de significados que estamos presos, partindo de Weber. A partir deste ponto - da ideia de que a cultura forma e é formada pelo ser humano, vamos debater alguns pontos:

1. **Isolamento Social em Rondônia e no Brasil:** No dia 11 de Maio de 2020 Rondônia estava entre os estados com menor isolamento social do Brasil, mesmo com documentos oficiais aplicados. Naquela data o isolamento era de 47% e chegou a ter menos de 28% de isolamento em alguns momentos. No Brasil, as duas melhores taxas de isolamento social do país são do Pará e Amapá, sendo 54,83% e 53,85% (IN LOCO, 2020). Do ponto de vista cultural desta análise, temos então o fato de que Rondônia está entre os mais baixos do Brasil e que no país não chegamos aos 75% de isolamento, um percentual desejado. A pesquisa do grupo In Loco sobre o isolamento social nos dá este gráfico com dados:

Índice de isolamento social: Rondônia



Temos que perceber que no dia 26 de março chegamos a um índice quase recomendado de isolamento. Posteriormente temos picos de alta e baixa das taxas, sendo que nunca chegamos ao isolamento recomendado. Em síntese, no Estado de Rondônia não alcançamos o que é desejado quando pensamos em isolamento social horizontal. Mesmo com decretos de fechamento do comércio (com posterior abertura), encerramento das atividades presenciais na Educação e adoção da proibição de reuniões com mais de cinco participantes, os dados não se relacionam. Com a publicação do primeiro decreto em 20 de Março temos o primeiro grande momento de isolamento, índice este que passa a baixar com os relaxamentos via decreto e por outros traços aqui debatidos. Nos últimos dias (12 de maio em diante) o governo estadual estuda ampliação das medidas de isolamento.

- 2. Corona fest e pequenas transgressões:** Os primeiros casos de Rondônia vieram “de fora”, pessoas que vieram a trabalho (para Ji Paraná e Porto Velho) que transmitiram para colegas de trabalho e familiares. A partir deste momento se iniciam as transmissões comunitárias. Fato inexorável em uma situação de não fechamento de fronteiras do estado. A partir daí temos os decretos e as medidas tomadas oficialmente. Do outro lado pequenas transgressões - que são parte do cotidiano da micropolítica exercida por todos nós - passam a protagonizar um cenário importante nesta peça. Um dos fenômenos é o chamado “*Coronafest*” que são as reuniões sociais em meio a pandemia. Outro grande fenômeno observável é a utilização ampla dos espaços abertos para esportes - por todas as classes sociais, desde os campos de futebol nas periferias, as zonas de “caminhada” até as reuniões privadas para exercícios e comilanças. Podemos somar vários fenômenos observados nas redes sociais e nas raras idas ao mercado e farmácias que refletem os dados de baixo isolamento do tópico acima. Conclui-se que tais transgressões são reflexos de uma cultura do autocuidado e do acesso a informação e racionalização do fenômeno por parte do brasileiro e do rondoniense, fruto de uma acumulação de práticas.

3. **Educação, um projeto antigo:** Sobre a educação e o COVID-19 temos dois fenômenos fundamentais para debater como há influência desta nas ações culturais dos sujeitos durante a pandemia. Salientamos que a formação escolar-acadêmica não é o elemento que levará ao autocuidado e utilização do biopoder para a não disseminação do vírus - pois as ações relatadas no ponto 2 vieram de todas as classes sociais, formações, raças e espaços sociais. Logo, podemos concluir que é na verdade o objetivo da educação que está em voga: uma educação que visa única e exclusivamente a reprodução do trabalho é excludente das discussões sociais e humanizantes que discutem éticas coletivas e alteridades importantes. Assim, é preciso pensar uma educação que seja humanizadora (que nos permitam ver a humanidade) e a alteridade (que nos permita ver as diferentes culturas e modos de viver).

Outra questão fundamental é que nossa educação tão pouco é capaz de trazer a noção de autocuidado para as massas populacionais. Estes dois pontos são uma reflexão sobre a intencionalidade do projeto educacional brasileiro que é incapaz de atingir níveis de escolarização que permitam as pessoas aprenderem a ciência como forma de ver e interpretar o mundo, criando um espaço para outros discursos serem usados como forma de decidir o que fazer frente as ações sociais, dentre elas a pandemia do covid. A questão é que a educação, da forma que está, é um projeto em andamento e aprimoramento - hoje sofremos os impacto deste projeto.

4. **Fake news, pós-verdades e lutas por narrativas:** Em decorrência do espaço deixado pela educação (de forma ampla e institucional) temos outras narrativas culturais que são usadas pela população (mais uma vez: em todas as classes sociais) como forma de explicar os cenários sociais. Temos três formas principais aqui destacadas

(I) Fake News, a utilização de narrativas não comprovadas sobre cura, causa (conspiração chinesa), modos de evitar contato de forma individual e coletiva, dentre outros temas comuns - em geral as pessoas são incapazes de utilizar a linguagem científica-racional para interpretar tal notícia e compartilham/deslegitimam a partir de critérios ideológicos - se eu concordo compartilho, se discordo, deslegitimo.

(II) Seguido e ligado as fake news temos a pós-verdade (que é a criação de opinião pública baseado em opiniões e ideologias e não na concretude fatos), podemos inclusive afirmar que as fake criam a pós-verdade ao mesmo tempo em que são criadas por estas, de forma dialética. A pós-verdade se cria no ambiente favorável da educação não-crítica e na domesticação corporal e mental das “Pedagogias da Fábrica” onde a repetição e o aceitamento é a postura desejável do aluno, criando contextos culturais propícios para a disseminação da pós-verdade. As Fake news minimalizam a força do covid-19 em vários temas:

(III) Por último temos a luta por narrativas, ou seja, pela definição de quem constrói a história e não entendamos esse fenômeno como preciosismo de classe: a narrativa sobre o passado é o que define o futuro de uma sociedade, temas como escravidão, ditadura militar, objetivos da educação, meritocracia, as elites e os miseráveis, todos são reescritos pelos agentes envolvidos e não raramente é a ideologia que orienta o que deve ser realidade e não a ciência. Tudo isto pois há um forte discurso de deslegitimação das ciências humanas e sociais que, retirada suas forças técnicas, não servem para criar discursos. Em suma, são as forças políticas-ideológicas e não as ciências humanas e sociais que escrevem a história (inclusive a recente e de suas epistemologias). As humanas são destituídas de sua cientificidade e as sociais (Direito, Administração, Economia, Contábeis) servem apenas para a técnica, sendo seus agentes excluídos do poder de fala nos campos científicos.

5. **Bioética e biopoder:** Importante debater o Biopoder a partir de Foucault citado por Mbembe (2016) que é o poder de decidir sobre a vida do outro. Mesmo que amplamente debatido no âmbito do Estado é preciso afirmar que há biopoder nas pequenas transgressões. Quando de forma deliberada um infectado pelo COVID-19 decide ir a uma festa ele está exercendo seu biopoder de infectar e possivelmente matar aqueles que estão junto a ele e que o mesmo possui alguma forma de afinidade. A grande questão é: quais são os fatores culturais que levariam tais pessoas a ter baixa solidariedade para com seus iguais, exercendo seu biopoder para matar? Não há uma ética coletiva em indivíduos que deliberadamente escolhem causar danos aos demais e da mesma forma há fake news e pós-verdades que associam a pandemia a uma questão política ou ideológica - acompanhado disto há uma deslegitimação das ciências da saúde em geral (ao passo que são estes agentes que vivem ou viveram situações semelhantes no passado do campo laboral e científico) e os discursos políticos (ideológicos) são aqueles marcados como verdadeiros. Ao adotarem políticas não científicas sobre a população as pessoas também transgridem a bioética, fenômeno que deveria ser inerente aos agentes políticos da saúde.

Concluindo, vivemos um cenário que, assim como as demais esferas sociais, acentua as desigualdades e os discursos pré-existentes. Em suma, a nossa cultura é permeada pelo descrédito à ciência e pela desvalorização da educação não desde março de 2020, mas de muitos anos antes.

O que vivemos hoje é fruto de um acumulado de ações passadas e que concretamente formam um projeto de Brasil que mantém poucas centenas no poder absoluto: um povo desunido, sem consciência histórica, sem solidariedade e lutando pela sobrevivência - pagando (muito) imposto para manter tal elite no poder. Precisamos nos educar, usar a ciência para interpretar o mundo (incluindo sua democratização no processo), lutar por educação de qualidade e humana, veicular o Estado a criação da dignidade humana, fomentar o trabalho e a criação, defender a pluralidade de ideias e de formas de ser/viver e tão importante quanto

estas coisas: buscar a democracia, a liberdade e a dignidade humana, afinal todos nós somos seres de sonhos, aspirações e medos. Cada vida importa.

Referências

IN LOCO. PESQUISA COVID-19. <https://mapabrasileirodacovid.inloco.com.br/pt/>.

Acessado em 16 de maio de 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. Arte & Ensaios. **Revista do ppgav/eba/ufrj**, n. 32, 2016.